

RECREAÇÃO



Simon

Re-criar o recreio:

iniciativas de
intervenção
pedagógica no
tempo livre das
crianças da Escola
Municipal CEI
Professor José
Cavallin¹

Eumar André Köhler

Graduado em Educação Física – Universidade Federal do Paraná-UFPR,
Especialista em História Cultural – Universidade Tuiuti do Paraná,
Mestrando em Antropologia Social – Universidade Federal do Paraná-UFPR,
unidade de trabalho Centro de Educação Integral Érico Veríssimo,
E-mail: eakohler@gmail.com

Wagner Hauer Argenton

Graduado em Educação Física – Universidade Positivo-UP,
unidade de trabalho Centro de Educação Integral Érico Veríssimo,
E-mail: waguinho.arg@gmail.com

¹ Artigo elaborado a partir do trabalho desenvolvido no projeto Escola e Universidade, em 2010.

RESUMO

O recreio é um conceito inserido no contexto escolar sendo na maioria das vezes ignorado enquanto espaço/tempo pedagógico. A intenção deste projeto foi de problematizar o conceito de recreio escolar e verificar os seus usos dentro do cotidiano da escola. Pode-se observar que a relação das crianças com este universo envolve uma série de disputas pelo uso dos espaços e materiais disponíveis. A partir desta constatação, foi proposto aos alunos a construção de novas dinâmicas e materiais para mediar as práticas estabelecidas até então. Desta forma, o diálogo com os alunos possibilitou a releitura deste espaço, pausada na perspectiva das regras do jogo e das práticas instituídas. Em contrapartida, a inclusão de novas dinâmicas, associadas ao conhecimento prévio das crianças sobre este espaço, possibilitou a transformação deste cenário. O recreio, que antes era um espaço marcado pelos conflitos entre os alunos, tornou-se um ambiente dialógico, onde as crianças puderam construir em conjunto as próprias práticas de forma autônoma.

Palavra-Chave: recreio, escola, Educação Física

INTRODUÇÃO

O recreio é um dos momentos escolares onde acontece grande parte das manifestações agressivas entre os estudantes, possivelmente por ser um instante de pouco controle do adulto, e, por conseguinte, um espaço no qual os estudantes se expressam mais espontaneamente. Assim, o saldo do recreio geralmente se resume em brigas, contusões, dentes quebrados e professores estressados.

No recreio, as práticas de violência, as relações de gênero, sociais e econômicas podem ser identificadas, segundo Mandarino (2002, p.67), como elementos que estabelecem relações de poder, e estas relações podem levar às manifestações agressivas pela disputa do espaço. Os mais velhos tendem a dominar espaços de recreio com práticas desportivas, como o futebol, que marginaliza geralmente as meninas e os rapazes mais novos. O recreio, então, ao invés de se apresentar como espaço de liberdade, revela-se por uma fina rede de relações de dominação e controle simbólicos.

Este período escolar, compreendido entre quinze e vinte minutos, pode ser repensado e compreendido como um momento educativo, onde ocorrem atividades recreativas de escolha facultativa, mediadas por professores. Pode ser um tempo e um espaço em que a escola propicie saberes de forma a despertar a participação dos estudantes, em atividades que não tenham como condição necessária a disputa do espaço, tampouco a segregação proveniente de exacerbadas disputas de poder.

O recreio, como afirma Prodócimo (2008, p.11), é um momento em que os alu-

nos podem se auto-organizar e realizar atividades de acordo com seus interesses. Porém, o autor salienta que, para estas atividades ocorrerem, é necessário a ação de um mediador, ou seja, a presença do adulto que oriente os alunos para se auto-organizarem em suas escolhas previamente desejadas. Medida que contribui para suprimir uma rotina, em que as mesmas crianças executam sempre as mesmas atuações nos mesmos lugares.

Assim sendo, o recreio escolar é o objeto de investigação e atuação deste projeto, que pretende fundamentar a necessidade de ações pedagógicas no período de recreio e propor metodologias, a partir de propostas suscitadas pelos professores em sala de aula, refletindo neste espaço dialógico (aula/recreio). O resultado dessa interlocução permitirá o estabelecimento de um ciclo vicioso onde o que se aprende nas aulas de Educação Física é revivido no recreio e vice-versa.

Ao longo do tempo, os alunos foram adquirindo uma concepção de que o recreio é somente uma fuga da sala de aula, outra influenciados pela falta de teor produtivo destinado a esta pausa. Na legislação, o recreio e os intervalos de aula são horas de efetivo trabalho escolar, conforme conceituou o CNE, no Parecer CEB nº 05/97.

[...] não são apenas os limites da sala de aula propriamente dita que caracterizam com exclusividade a atividade escolar de que fala a lei. Esta se caracterizará por toda e qualquer programação incluída na proposta pedagógica da instituição, com frequência exigível e efetiva orientação por professores habilitados. (CNE, CEB 02/2003, p.2)

Tendo em vista as questões acima suscitadas, as discussões entre alunos e professores no decorrer do projeto buscaram legitimar o bom uso do espaço/tempo do recreio, através das atividades sugeridas pelos professores no período das aulas de Educação Física. O papel da discussão tem por finalidade compreender de que maneira os alunos se apropriam deste espaço, e de que maneira a intervenção dos professores neste pode ser benéfica tanto para o recreio em si, como para as demais atividades realizadas na escola.

O ponto de partida desta observação foi caracterizado pela questão inicial da própria logística do recreio: o que se observa dentro deste momento por parte dos alunos? À exemplo da realidade de violência, tanto sugerida no decorrer deste projeto; a divisão dos espaços segundo características hierárquicas (idade, sexo, tamanho), bem como pelo interesse nas atividades (com ou sem materiais); a restrição ou não, deste espaço, à determinado público (à exemplo dos alunos menores – da educação infantil – que não dividiam o mesmo espaço que os maiores neste período); em relação a autoridade presente pela figura do inspetor, que já tem por função regular os sujeitos envolvidos neste período.

A análise destas questões permitiu aos professores compreender a dimensão tangível de sua intervenção neste período relativamente curto da rotina dos alunos. Por outro lado, a discussão dos resultados obtidos antes e depois da intervenção contrastou com as informações adquiridas neste espaço de tempo, levantando as mudanças obtidas, a partir da proposta dos professores no recreio escolar.

SOBRE O RECREIO ESCOLAR

O recreio escolar, ou intervalo das aulas, é um momento presente na vida de todo estudante. Acompanha-o em toda sua trajetória estudantil. Neuenfeld (2003, p.37) relata que a palavra “recreio”, em sua raiz leva ao termo recreação: “Período para se recrear, como, especialmente, nas escolas, o intervalo entre as aulas” (FERREIRA, 1999, p. 1721). Por recreação entende-se “o momento, ou a circunstância que o indivíduo escolhe espontânea e deliberadamente, através do qual ele se satisfaz (sacia) seus anseios voltados ao seu lazer” (CAVALLARI; ZACARIAS, 1994, p.15).

A partir desta relação, é possível traçar uma tríade entre os termos recreio, recreação e lazer. Assim como ocorre nos conceitos de ‘recreio’ e de ‘recreação’, o termo lazer também designa um momento em que o indivíduo

busca a sua realização pessoal (NEUENFELD, 2003, p.37). No recreio, as crianças buscam para sua realização pessoal um espaço lúdico e de liberdade capaz de satisfazer, naquele instante, suas vontades e desejos.

A rotina escolar impele os alunos a uma série de condutas disciplinares em detrimento do movimento espontâneo. O cotidiano escolar que geralmente se espera são alunos sentados, concentrados em função do conteúdo do dia. A acumulação desta energia de trabalho, no transcorrer das aulas, revela-se quando o sinal do intervalo toca e os alunos debandam em algazarra para fora da sala. Fato este já constatado por Freire (1997, p.214) ao verificar que, ao saírem das salas de aula, após ficarem sentadas por horas, as crianças “explodem” em movimento. Logo, o recreio compreende um momento possível para a catarse da energia acumulada pelos alunos nas aulas anteriores e, em contrapartida, de preparação para as aulas seguintes.

O recreio é um momento de movimentar-se segundo suas próprias intenções. Mas, ainda assim, esse espaço é condicionado por uma rotina própria, onde os alunos são submetidos aos rigores da seleção dos espaços, do uso dos materiais e da formação de grupos isolados, seja por interferência da escola ou pela própria organização dos alunos.

O que preocupa em relação ao recreio escolar é que esteja acontecendo o mesmo que Marcellino (2002) destaca em relação ao lazer, ou seja, a restrição das atividades a um campo específico de interesse, geralmente não por opção, mas por falta de contato com outros conteúdos. No entanto, não se observa no recreio a interferência dos agentes escolares em prol do estímulo à autonomia dos alunos, através de intervenções que ampliem o leque de ações possíveis a este espaço superando a rotina estabelecida e a estagnação.

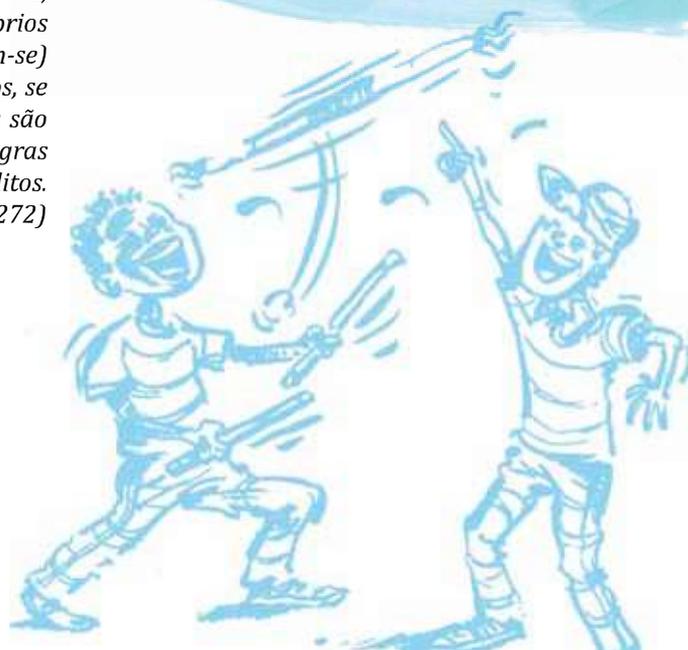
O USO DO RECREIO NA ESCOLA

É preocupante o modo como esse espaço de tempo está sendo utilizado pelas crianças. Em face de um lazer de mercado que impõe os brinquedos que conduzem o brincar da criança, além da influência midiática que exalta o esporte de alto rendimento como modelo a ser seguido, será que as crianças realmente estão conseguindo se recrear durante o recreio?

As autoras Cruz e Carvalho (2006, p.123) contribuem na resposta ilustrando uma situação que ocorre repetidas vezes no recreio escolar. Quando o adulto responsável por vigiar esta rotina separa dois alunos que estão brigando, estes garantem que é "brincadeira de lutinha". Esta expressão muitas vezes é a recriação que os alunos inventam para satisfazer seu imaginário e extravasar a energia acumulada. O que geralmente acaba em um gesto mais agressivo e a brincadeira passa à luta de verdade. É o que relatam Lopes, Lopes e Pereira, pautados em Marques et al (2001):

As características dos espaços de recreio condicionam os acontecimentos, se está vazio de estruturas e materiais, as crianças brincam com seus próprios corpos (lutam, correm e perseguem-se) e frequentemente inventam conflitos, se existem materiais, as suas relações são mediadas pelos materiais e as regras dos jogos, ajudando a resolver conflitos. (LOPES, LOPES e PEREIRA, 2006, p.272)

Todavia, o recreio escolar não é visto como espaço pedagógico, haja visto que muitas escolas nem mesmo fornecem materiais para as crianças se recrearem, o que lhes resta é ocuparem-se com materiais alternativos, ou com brincadeiras utilizando o próprio corpo. Ainda existe nas escolas esta falta de preocupação em preparar o espaço do recreio para que ele favoreça atividades recreativas.



Ora, esta apreensão pode partir de uma disciplina que tem por semelhança o fato de compartilhar os mesmos espaços utilizados no tempo do recreio. Cumplicidade que não se resume ao espaço, o recreio também se nutre desta disciplina a partir do momento em que os alunos se apropriam de seus conteúdos, incorporando o que foi trabalhado na aula para a realização de seus jogos e brincadeiras. Fala-se, portanto, da Educação Física.

EDUCAÇÃO FÍSICA E O RECREIO

É possível notar uma enorme similaridade das atitudes das crianças no momento que antecede a ida para a Educação Física com aquelas da saída para o recreio. “Para a maioria das crianças o sinal sonoro que inicia o recreio é tão esperado quanto a aula de Educação Física, se não mais esperado que esta. É o momento em que podem correr, saltar, jogar e brincar. Estas são atitudes predominantes no comportamento das crianças”. (NEUENFELD, 2003, p.40)

As aulas de Educação Física transmitem aos alunos os conteúdos a ela destinados como: o jogo, a dança, o esporte, as lutas e a ginástica. (Coletivo de Autores, 1992, p.64). Cada qual a sua maneira, propiciam o contato com um grande leque de atividades possíveis para a acumulação de experiências motoras aos alunos. O reflexo destas manifestações permite a construção de valores a respeito das práticas com as quais os alunos mais se identificam. Porém, sabendo que nenhum aluno é igual, e que os interesses por determinada atividade são tributários da realidade na qual a comunidade está inserida, tem-se como meta ampliar este escopo apresentado no tempo/espaço de recreio, e colocá-los em xeque nas aulas de Educação Física. Assim, ao buscar novas formas de legitimar as práticas corporais neste momento tão importante para a formação dos alunos, pode-se aumentar a sua autonomia na escolha por suas atividades favoritas dentro de um espectro maior.

Em outras palavras, para que seja possível compreender como os fenômenos influenciam as práticas sociais na escola, faz-se necessário aprofundar a análise do seu cotidiano. A partir desta, teremos pistas que poderão inferir direções possíveis a serem identificadas no trabalho de campo a fim de compreender o conhecimento dos agentes na construção da cultura na escola. Ou, como aponta ROCKWELL (1997, p. 56)

...na escola não somente se dão processos de reprodução, de relações sociais e de poder, se dão também processos de resistência e de luta, assim como de apropriação de cultura, que são parte essencial da trama social cotidiana. A simultaneidade destes processos

torna possível a transformação histórica da instituição escolar. (ROCKWELL, 1997, p. 56)

Os resultados destas discussões possibilitarão a re-criação de novas ações no período do recreio, fomentando a prática de atividades diversas a partir do que se observa na própria práxis realizada nas aulas de Educação Física. O diálogo entre estes dois momentos permitirá a antítese de um saber mediado entre os conhecimentos oriundos da disciplina, a partir da figura dos professores, em contrapartida à realidade vivenciada pelos alunos no tempo/espaço de recreio.

A PROPOSTA DE “RE-CRIAR” O RECREIO

Foi através de atividades educativas de lazer e recreação que buscamos uma intervenção pedagógica no período de recreio escolar, influenciando os alunos a compartilhar os espaços e materiais disponíveis com autonomia. Para que esta proposta se realizasse efetivamente, buscamos questionar os alunos sobre as formas de usufruir de seu tempo livre com base no uso de materiais diversos. Desta forma, os jogos e as brincadeiras cotidianas se tornaram o nosso objeto de intervenção.

O desafio proposto de oportunizar um recreio organizado e participativo com atividades criativas gerenciadas pelos próprios alunos teria como meta amenizar, por meio da prática consciente do recreio, quaisquer manifestações de comportamentos desviantes dos ideais propostos pela legislação, bem como da proposta apresentada pelos professores. Estimulando, assim, valores como solidariedade, cooperação e respeito.

Além disso, buscamos estimular o potencial criativo das turmas com as quais trabalhamos, disponibilizando material para a confecção de brinquedos diversos, e materiais lúdicos para o uso compartilhado no período do recreio. O uso dos materiais produzidos pelos próprios alunos teria o efeito de valorização da produção discente no espaço do recreio, bem como o da apreciação desta produção pelos colegas de escola, certo de que este contato deveria ocorrer progressivamente por meio de um mediador (neste caso os monitores de material).

Por fim, propomos momentos de integração entre as propostas sugeridas pelos professores em sala de aula, reconstruindo a ideia de recreio das próprias crianças, conjuntamente às propostas e produções dos próprios alunos, buscando a todo momento um momento de reflexão sobre as práticas estabelecidas e a práxis realizada nas atividades subsequentes no recreio escolar.

PRÁTICAS DESENVOLVIDAS

No transcorrer dos quatro meses de projeto elencamos três tipos de manifestações no período do recreio com a função de problematizar o espaço destinado a práticas corporais diversas pelos alunos, com autonomia e liberdade. No leque sugerido abarcamos as práticas circenses, através da confecção e manipulação de malabares. Ainda sobre esse material, cabe salientar que foram desenvolvidos três materiais, sendo que dois destes foram confeccionados pelos próprios alunos. Na ordem de apresentação: confecção e manipulação do *Swing poi*; Confecção e manipulação das bolinhas de malabares; e manipulação do *flower stick*²; No universo dos jogos, desenvolvemos com as turmas jogos de tabuleiro, a fim de explorar esse tipo de material também no espaço do recreio. Sobre o jogo propriamente dito, escolhemos o *champing cross*, uma adaptação do jogo criativo desenvolvido pelos alunos da escola, em que se cria um circuito na areia para a realização de uma corrida de tampinhas³; por fim as manifestações coletivas por meio de jogos de interpretação ou mobilizações instantâneas (*flashmob*)⁴.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Em primeiro lugar, a discussão entre os professores contrastou, fundamentalmente, a acepção do conceito de recreio. Subsidiado pelas noções de lazer e recreação, problematizou-se a prática estabelecida no cotidiano dos alunos, em contrapartida as intenções do projeto. Já durante a realização do projeto, colocou-se em pauta a discussão do conceito de jogo, esporte e brincadeira (Coletivo de Autores, 1992) para os alunos. O conhecimento destes conceitos foi fundamental para a realização das atividades orientadas, sobretudo a monitoria.

Por fim, a análise das atividades foi

mediada pelos sujeitos envolvidos em todo o projeto, alunos, monitores e professores concorreram através de métodos de avaliação em pesquisa qualitativa para determinar os resultados da intervenção no período do recreio escolar.

Partindo do conhecimento dos alunos, ocorreu o levantamento das práticas realizadas no recreio, elencando os espaços, materiais, e público para cada atividade neste período. A partir de então, foram suscitadas as atividades a serem realizadas nas aulas de Educação Física para a aplicação nos períodos de recreio pelos alunos interessados. A experiência nas aulas teve por finalidade a confecção dos novos materiais, assim como o aprendizado dos fundamentos de cada atividade que foi aplicada no espaço do recreio.

Para aumentar a dinâmica das atividades, assim como a autonomia dos alunos, foram selecionados monitores voluntários, cujo papel fundamental foi, além da orientação para a realização das atividades, o cuidado com as regras dos jogos, a fim de que nenhum aluno ou aluna tivesse sido tolhido da prática em função de ações de dominação do espaço de atividade pelos demais colegas participantes. O papel dos professores e inspetores foi, neste momento, o de mediação de conflitos possíveis, bem como de organização logística do pessoal e material para cada estação de atividades.

As atividades realizadas no tempo de recreio foram facultativas aos alunos interessados, destarte, o que se levou em consideração foi a questão: até que ponto as propostas oferecidas pelos professores, em consonância a autoridade de um colega monitor, foi atrativa aos demais alunos que compartilham deste espaço no período do recreio.

Os jogos e brincadeiras sugeridos pelos professores foram o ponto inicial da empreitada "Re-Criação do Recreio". O diálogo entre alunos e professores teve como foco a compreensão da realidade observada na escola, bem como a utilização dos espaços nas atividades no período de recreio.

2 Devido ao grande trabalho para a confecção do material, além do uso de materiais de risco para as crianças, foi decidido que a prática com o *flower stick* seria restrita à sua manipulação.

3 O uso do *champing cross* no formato de tabuleiro se deu em função da impossibilidade de realização desta atividade na escola em questão, sobretudo pelo grande volume de alunos em relação ao espaço. Além da depreciação tanto do espaço da escola pela sujeira, como dos uniformes dos alunos envolvidos.

4 As mobilizações relâmpago variam de práticas estáticas, como uma brincadeira de estátuas, até uma batalha simulada entre duas equipes uniformizadas com uma armadura de papelão, com espadas de jornal e tinta guache.

Tendo em vista a ampliação do leque de atividades sugeridas neste espaço de tempo, colocou-se em xeque o mau uso do espaço, levantando para cada atividade os valores de não agressão, respeito ao próximo, fair play, autoridade e trabalho em equipe.

A confecção de novos materiais, iniciada nas aulas de Educação Física, foi avaliada em cada recreio, por meio do uso destas novas ferramentas pelos próprios alunos. O compartilhamento e zelo de um material produzido por eles, tornando-o, assim, propriedade da escola como um todo, permitiu a valorização do trabalho do aluno pelos próprios colegas, incentivando assim o seu potencial criativo. Por outro lado, o material produzido e usufruído pelos alunos no período do recreio permitiu o reconhecimento do trabalho realizado nas aulas de Educação Física, e a extensão de sua ação para além do horário estabelecido para esta disciplina.

Por fim, o incentivo ao bom uso do material destinado aos alunos foi salientado a todo o momento por todos os agentes

envolvidos. Professores, alunos e inspetores enfatizaram a importância do cuidado com o material, com os colegas e com as atividades a fim de que se aproveite ao máximo o bom recreio.

Para compreender as fundamentações acima num contexto didático-pedagógico, exemplifica-se um dos encaminhamentos executados no projeto: numa das aulas de Educação Física, os alunos, a partir do segundo ciclo, aprenderam a confeccionar o material “swing poi” ora conhecido por “balangandã”, para sua utilização no recreio. Após o aprendizado os alunos voluntários auxiliaram o professor a ensinar os outros alunos no horário do intervalo, promovendo a prática de atividades com o material construído.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

No transcorrer das ações educativas para o período de recreio, os professores observaram a participação espontânea dos alunos nas atividades dirigidas durante as aulas de Educação Física, sobretudo quando ocorreu a confecção de materiais. Esta observação foi importante para definir qual o recorte necessário, pela demanda dos alunos, para a seleção dos monitores nas atividades a serem realizadas no período de recreio propriamente dito. Desta forma, demos prioridade ao uso dos malabares que foram produzidos e consumidos pelos alunos nos períodos de aula, e apresentados aos demais colegas pelos próprios alunos no período do recreio.

Também foram realizadas observações em momentos específicos para verificar alguma mudança de comportamento durante as aulas de Educação Física, sobretudo àquelas destinadas a preparação para as atividades no tempo de recreio. Além destas, os professores verificaram com os demais integrantes do corpo docente alguma alteração no comportamento dos alunos no cotidiano escolar, nas rotinas em sala de aula.

Ainda coube como forma de avaliação monitorar, mesmo que de maneira subjetiva, a melhora do relacionamento aluno-professor, uma vez que é um momento de aproximação dos professores aos alunos durante o período em que são mais espontâneos, ou seja, muito mais eles mesmos.

Por fim, os professores verificaram a mudança da realidade do recreio através da observação do comportamento dos alunos durante o período por ele compreendido. Antes se via um espaço dominado por relações de poder desiguais, alunos discutindo sobre o uso dos espaços destinados aos esportes coletivos, e onde sempre os maiores tinham a prioridade do uso destes mesmos. Durante as intervenções do projeto Re-criar o recreio, os alunos compartilharam experiências sobre as práticas sugeridas pelos professores. A partilha do material, e a ajuda mútua nos aspectos que dizem respeito ao aprendizado das técnicas e das práticas relativas a cada novidade, tanto no período de aulas, como no espaço do recreio propriamente dito.

Verificou-se como resultado deste esforço, que levou em consideração os aspectos legais sobre o uso do tempo do recreio, a criação de um novo leque de opções para os alunos da escola. Momento que oportunizou o aprendizado de novas perspectivas de trabalho com o movimento dos seus corpos e que teve como reflexo manifestações que permitiram a construção de valores a respeito das práticas com as quais os alunos mais se identificaram. Assim, ao buscar novas formas de legitimar as práticas corporais neste momento tão importante para a formação dos alunos, pode-se, através da aplicação das atividades do projeto, aumentar a autonomia das crianças na escolha por suas atividades favoritas dentro de um ambiente mais democrático com menos conflitos e disputas.





Referências bibliográficas

BRASIL. **Parecer 002**. Brasília: Câmara de Educação Básica/Conselho de Educação Brasileira, 2003.

CAVALLARI, R.C.; ZACARIAS, V. **Trabalhando com recreação**. 2. ed. São Paulo: Ícone. 1994.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CRUZ, T.M., CARVALHO, M.P. **Jogos de gênero**: o recreio numa escola de ensino fundamental. Cadernos Pagu (26), jan./jun. 2006, p.113-143.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da Educação Física. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

LOPES, L., LOPES, V.P., PEREIRA, B. **Atividade Física no recreio escolar**: estudo de intervenção em crianças dos seis aos 12 anos. Revista Brás. De Ed. Fis. Esp., V.20, n.4, out./dez. 2006, p.271-280.

MANDARINO, C.M. **Regularidade e agressividade**: categorias de análise no recreio de um aluno com deficiência mental. Porto Alegre: UFRGS. 2000.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação**. Campinas, SP: Papyrus, 1987.

NEUENFELD, D.J. **Recreio escolar**: o que acontece longe dos olhos dos professores?. Revista de Educação Física/UEM, v.14, p. 37-45, 1.sem. 2003.

PRODÓCIMO, E.; RECCO, K. V. **Recreio escolar**: uma análise qualitativa sobre a Agressividade entre estudantes de ensino fundamental. In: VII Congresso Nacional de Educação da PUCPR - EDUCERE, Curitiba: Editora Champagnat, Fundação Araucária, 2008. v. 1. p.10564-10575.

ROCKWELL, Elsie. **De Huellas, bardas y veredas**: una historia cotidiana de la escuela. In ROCKWELL, Elsie (cord) La escuela cotidiana. 2a. reimpr. México, Fondo de Cultura Económica, 1997.